



ANÁLISE DE PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE QUADROS PSÍQUICOS DE SURDOS CONGÊNITOS EM PSICOTERAPIA

*ANALYSIS OF FORMATION'S PROCESSES OF PSYCHIC PICTURES OF CONGENITAL
DEAF PEOPLE IN PSYCHOTHERAPY*

Gláucio Silva Camargos¹
Lazslo Antônio Ávila²

Resumo

A fala é um dos principais instrumentos de psicoterapia. Isso representa um obstáculo para o tratamento de pacientes surdos congênitos que não utilizam a língua oral. Aqui objetivamos analisar processos de construção psíquica em pacientes surdos usuários da língua de sinais, sua relação com a modalidade linguística e indicar possíveis considerações para a psicoterapia com essa população. Realizamos um estudo de caso múltiplo por meio de um programa de psicoterapia, planejado para atender três sujeitos surdos congênitos da comunidade surda de São José do Rio Preto-SP, selecionados por sorteio, de cadastro clínico particular. O programa foi estruturado em 26 sessões, desenvolvidas por psicanalista versado na língua brasileira de sinais. As sessões ocorreram em caráter individual e sistemático, visando observar os padrões no desenvolvimento dos processos mentais, realizadas uma vez por semana, com duração de 50 minutos. Para a análise de dados utilizamos os Mapas e as Árvores de Associação de Spink (2010). Os resultados indicam que diferenças no sistema semiótico da linguagem em surdos congênitos determinam adaptações no desenvolvimento psíquico desses pacientes em razão da natureza da língua de sinais. Conclui-se que o tratamento psicoterápico para surdos deve acontecer em seu sistema semiótico próprio, sua organização simbólica e sua cultura.

Palavras-chave: Surdez; psicoterapia; língua brasileira de sinais.

Abstract

Speech is one of the main tools of psychotherapy. This represent an obstacle to the treatment of congenital deaf patients who do not use the oral language. Here we aim to analyze processes of psychic construction in deaf patients who use sign language, its relationship with the linguistic modality and indicate possible considerations for psychotherapy whit this population. We carried out a mutiple case study through a psychotherapy program, planned to attend three congenital deaf subjects from the deal community of São José do Rio Preto –SP, selected by lot, from a private clinical record. The program was structured in 26 sessions, developed by a psychoanalyst versed in the Brazilian Sign Language. The sessions tool place an individual and systematic basis, aiming to observe the patterns in the development of mental processes, held once a week, lasting 50 minutes. For data analysis we used Spink's Association Maps and Trees (2010). The results indicate that differences in the semiotic system of language in congenital deaf people determine adaptations in the psychic development of these patients due the psychotherapeutic treatment for deaf people must take place in their own semiotic system, symbolic organization and culture.

Keywords: Deafness; psychotherapy; brazilian sign language.

¹ Mestre em Psicologia e Saúde - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP. R: Luzia Minelli Capello, 1000, São José do Rio Preto – SP, CEP 15051-004, Brasil. glaucio.camargos@edu.famerp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0592-3376>

² Livre Docente do Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP – Brasil. lazslo@famerp.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6392-1016>

INTRODUÇÃO

Para muitos profissionais da saúde mental a ideia de que indivíduos surdos apresentem processos de formação de quadros mentais específicos, que demandam uma prática terapêutica específica é nova. Em geral, as suposições comuns são de que as pessoas surdas experimentam em sua base os mesmos quadros psíquicos comuns em sujeitos ouvintes, que se manifestariam da mesma maneira nos dois grupos. Entende-se que aqueles que realizam avaliações e que ministram tratamento não necessitariam de esclarecimento especial, além do uso de um intérprete de Língua de Sinais. Contudo, uma avaliação sobre os resultados das investigações sobre a Psicologia e a Surdez mostrará que a maioria dos estudos encontrados conforma um leque, que vai desde a fusão entre pensamento e discurso em um dos extremos, a uma separação e segregação de ambos, no outro. Quer sejam expressão de um destes extremos, quer tomem uma posição intermediária, em geral os trabalhos permanecem dentro deste espectro, demonstrando a necessidade de estudos mais aprofundados sobre as especificidades da psicoterapia para a população surda. (Pinheiro, Rocha-Toffolo & Vilhena, 2020; Camargos & Ávila, 2019; Fellingner, Holzinger & Pollard, 2012).

Nesse campo é particularmente importante ter-se uma compreensão clara de dois itens: 1- das relações que pensamento e linguagem executam no desenvolvimento das funções psíquicas. A compreensão entre pessoas é impossível sem qualquer expressão mediadora. Na ausência de um sistema de senhas, só é possível o tipo de comunicação mais primitivo e limitado. (Silva & Moraes, 2019; Vygotsky, 2006). 2- Dos desdobramentos antropológicos ligados à educação dos surdos e ao estigma do conceito de surdez: de um lado o modelo médico-clínico que sugere o oralismo - a reabilitação oral da pessoa surda, por meio da implantação da audição como parte de seu aparato sensorio-motor-; do outro, o modelo socioantropológico, que indica a surdez como diferença cultural e linguística de sujeitos que apresentam a não-audição como marca corporal (Senna, 2019; Pinto, 2013). Aqui evocamos a contribuição da psicossomática, que possui um entendimento abrangente do fenômeno do processo saúde e doença, considerando o ser humano integral, na dimensão biopsicossocial, e buscando complemento para sua prática na atividade interdisciplinar.

As pesquisas em neuroplasticidade indicam que nesses pacientes a estimulação no canal visual-espacial é privilegiada. Para que o processo de representação lexical se desenvolva com potencialidade, esse deve se dar, prioritariamente neste canal (Capovilla, 2018; Skliar, 2016). Os estudos desenvolvidos nos últimos anos sobre a aquisição das línguas de sinais evidenciam que esta pode ser comparada à aquisição das línguas orais em muitos sentidos (Senna, 2019; Quadros & Karnopp, 2004). Assim, possui especificidades que atuam diretamente no trabalho analítico, por ser um sistema visual-espacial, executando-se numa modalidade diferente dos sistemas semióticos de representação orais-auditivos (Monteiro, Silva & Ratner, 2016; Strobel & Fernandes, 1998). A diferença na modalidade determina o uso de mecanismos psíquicos de representação, diferentes dos utilizados nas línguas orais (Capovilla, 2020). Os estudos sobre as línguas de sinais evidenciam que estas são comparáveis em complexidade e expressividade às línguas orais, possuidoras de acentuado grau de abstração e representatividade, organizando-se no cérebro da mesma maneira que as línguas orais (Skliar, 2016). Sugerem que na disputa entre os estímulos acústicos e visuais, a natureza está suprimindo a falta de audição ampliando a capacidade visual dos surdos (Trussell & Easterbrooks, 2017; Sacks, 1998; Rodrigues, 1993). Apontam a existência de uma lacuna comunicativa entre os profissionais da saúde e a população surda, indicando a emergência de iniciativas que preconizam pesquisas e

divulguem as situações problemas desse contexto (Dias, Coutinho, Gaspar, Moeller & Mamede, 2017).

Royer & Quadros (2019) indicam que esses indivíduos estruturam suas expressões a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos, dotados de especificidades bem como de princípios básicos gerais (Senna, 2019; Perlin, 2004; Saussure, 2010). Estes princípios permitem que seus usuários usem estruturas que correspondem às diversas funções expressivas, de comunicação e de organização do pensamento (Capovilla, 2018). Os modelos de tratamento que predominam atualmente dão pouca atenção a esses movimentos. A ênfase atual trata os processos clínicos-terapêuticos de reabilitação de uma forma isolada e tem como objetivo estudar e promover a normalização do sujeito marcado pela diferença da deficiência e a 'cura' da surdez (Santos & Portes, 2019; Santos & Assis 2015; Simioni, & Sperb, 2008). Considerando os surdos como 'ouvintes com defeito', esses estudos ficam fora do âmbito da investigação cultural e antropológica na organização desse grupo e das funções na estrutura da consciência individual de seus membros (Pereira, Passarin, Nishida & Garcez, 2020; Solé, 2011).

No presente estudo essas especificidades nos levam a observar o psiquismo e a psicoterapia para pessoas surdas congênitas. Para esses pacientes, a não constatação de som durante o período de aquisição de linguagem, pode estar resultando em diferenças significativas nos processos de desenvolvimento linguístico e simbólico (Guimarães & Silva, 2020; Araújo, Cotta, Souza, Oliveira & Lages, 2019; Andrade & Castro, 2016). As principais suposições são de que, em virtude dos aspectos sensoriais, esses pacientes apresentam vinculações fracas com as palavras e as rejeitam subjetivamente como signos de representação espontânea. Dessa maneira, grande parte dos conteúdos perceptivos não alcançaria a consciência, o que acarretaria uma espécie de repressão, semelhante ao quadro de alexitimia (Quevedo & Andretta, 2020; Taylor, Bagby & Parker, 2016; Taylor, 2000). Os estudos desse quadro enfatizam a estreita relação dos sintomas com as recentes contribuições da neurobiologia e da psico-ímonologia (Eboni, 2018; Pirlot & Corcos, 2014; Ricciard, Demartini, Fotopoulou & Edwards, 2015; Miguel, 2010). Indicam que pacientes alexitímicos sofrem uma intensificação das reações fisiológicas - atividade endócrina e simpática -, que provoca uma atividade prolongada ou excessiva de órgãos estimulados pelo sistema nervoso simpático (Taylor, Bagby & Parker, 2016). Destacam a importância do substrato neurológico para a compreensão das doenças psicossomáticas e sugerem a observação integrada dos fatores etiológicos para tratamento e prevenção das mesmas (Patrikelis & Stranjalis, 2017; Lorenzini, 2017; Kieffer, Petscher, Proctor, & Silverman, 2017).

MÉTODO

Estudo de caso múltiplo por meio de programa de psicoterapia planejado para atender sujeitos surdos congênitos da comunidade surda de São José do Rio Preto-SP. Executamos um sorteio com 20 pacientes que se encontravam no cadastro clínico, selecionando três pessoas. O projeto foi explicado e detalhado individualmente aos pacientes sorteados. As dúvidas apresentadas foram sanadas e seguiu-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP, aprovado pelo Parecer 1.723.976. O programa de psicoterapia foi aplicado integralmente na Língua Brasileira de Sinais. As três primeiras sessões tiveram como foco o acolhimento do indivíduo, as dez sessões seguintes tiveram como objetivo a coleta de dados biográficos dos pacientes, com ênfase nas experiências da infância e seu desenvolvimento linguístico por meio de escuta analítica. As próximas dez sessões seguiram com a escuta analítica observando possíveis intervenções nos enquadramentos psíquicos e emocionais; e finalizando, as três

últimas sessões visaram o encaminhamento do paciente para o término da terapia. Para cada sessão foi redigido um relatório de atendimento. Estes relatórios foram posteriormente sintetizados e transformados em um relatório geral sobre os quadros psíquicos apresentados pelos pacientes atendidos em língua de sinais.

A análise dos dados foi realizada por reunião dos relatórios de cada sessão de modo a se ter uma descrição geral da experiência interativa, organizada em dois principais instrumentos de visualização: 1- *Mapas* e 2- *Árvores de Associação*, de acordo com o referencial desenvolvido por Spink. (2010). Os *Mapas de Spink* são instrumentos que permitem visualizar o processo de movimento interno na construção de um discurso. Se constituem de uma tabela onde as colunas são delimitadas por temas não definidos previamente. Os temas são definidos, posteriormente, de acordo com a organização de conteúdos da interação discursiva gerada pelos pacientes, nessa situação a definição dos temas já está inserida no processo de interpretação. Se as temáticas não agredem o conteúdo discursivo, a interpretação avança e isso fica evidente pela facilidade de delimitar o discurso transcrito e colar nas colunas do *Mapa*. Se existe dificuldade, ou as falas não se encaixam nas colunas, entende-se que as categorias temáticas não estão funcionando. Dessa maneira os *Mapas* têm ainda essa vantagem de orientar o processo de análise. Quando lidamos com organizações discursivas muito grandes, opta-se por iniciar o processo de análise com a transcrição sequencial. Essa é uma forma de reduzir a complexidade. Antes da transcrição propriamente faz-se a leitura de cada relatório de atendimento e de suas sínteses, assim temos um resumo do discurso do paciente, que resultará em um extrato de sua fala. A *Árvore de Associação* é um instrumento utilizado para a fase qualitativa de análise do material identificado pelo procedimento amostral dos *Mapas*. Ela permite uma visualização aumentada do encadeamento de repertórios nas regiões da amostra que se destacam com maior protuberância e que são mais ilustrativos do fenômeno observado.

RESULTADOS

Apresentamos abaixo os resultados extraídos do material individual de cada paciente, para discuti-los posteriormente. Os resultados destacam aspectos ontogenéticos dos sujeitos da pesquisa e lançam luz sobre seus sistemas de representação e subjetividade.

DISCUSSÃO

Observamos nos *Mapas* dos três pacientes, características análogas àquelas encontradas nos pacientes com alexitimia. A coluna *Relação com as língua oral e/ou sistema auditivo*, ressalta tentativa infrutífera de adequação ao universo dos sons e das palavras, o que faz emergir a sensação de desconfiança em relação às pessoas ouvintes. Encontramos na Tabela 2 a fala da paciente: “Mas as palavras não... Não sei mais falar, perdi a linguagem dos outros. Meus pais também não sabem, eles só imitam, mas na verdade todo mundo imita. Até acho que assim é melhor... é sim”. Nessa situação temos as características de uma quota de afeto sufocada ou que aparece marcadamente na forma de angústia não comunicada. A coluna *Relação com o outro* dos três *mapas* apresenta um movimento contrário às tentativas da família e da escola para inseri-los no universo sonoro-acústico, o que gera a sensação de estranheira no próprio núcleo familiar. Na Tabela 1 encontramos lembranças angustiantes da infância do paciente, não comunicadas à mãe, a referência de sentir-se com “seu espírito indo e voltando como uma bola de borracha nas mãos de uma criança”, e a sensação antagônica de uma ‘voz’ que lhe elogia e censura, próxima do quadro psicótico.

Observamos nessa coluna a característica de rompimento com a família. É também nela que encontramos o seguinte comentário da paciente II: “Minha família quer me consertar, mas eu gosto de ser assim, não sou burra. Mas eles pensam que eu preciso”; e do paciente I: “Às vezes lembro da minha mãe, ela ficava me forçando a falar com a boca. Mesmo assim eu gostava dela...”.

Os *Mapas* também evidenciam vestígios de processos psicossomáticos. Na Tabela 3, na coluna “Características Associadas” observamos queixas de cefaleia frequentes no momento das relações sexuais com sua esposa. O paciente diz: “Mas aí eu ficava com tanta dor de cabeça e não consegui transar com ela. Ela pensa que é mentira, não é mentira. Eu até tomo remédio, mas no outro dia é a mesma coisa”. Queixas desse gênero também estão presentes no caso do paciente I que nos diz sentir a ‘cabeça pesada e um estado de sonolência/letargia’.

Em relação à coluna “Relação com a língua de sinais e/ou sistema visual”, observamos que houve contato escasso/tardio com esse sistema linguístico na infância, e aumento gradativo desse contato na adolescência/fase adulta, em todos os casos. Esse aumento aparece ao lado dos esforços familiares para a adaptação social dos pacientes e para sua imersão nos estímulos orais-auditivos.

Na coluna “Características associadas”, em todas as Tabelas há a presença da experiência de satisfação extraída dos estímulos visuais. Isso nos leva a possibilidade da eficácia da reorganização dos processos nervosos excitatórios nesses pacientes: a intensidade da impressão visual parece ser o estímulo que apresenta primazia nos registros dos traços mnêmicos. A repetição desse movimento parece ser privilegiada. Um dos resultados dessa reorganização é a geração de um tipo de representação que não se dá por um sistema de representação estruturado na modalidade sensorial acústica, mas em uma modalidade visual-espacial. Esse parece ser o caso das línguas de sinais nos processos de construção psíquica nos pacientes surdos. Se, no caso de pacientes ouvintes, as representações mnêmicas associadas a palavras são passíveis de ser evocadas pelo pensamento consciente (Grassi, Zanoni & Valentin, 2011; Lacan, 2005[1962]), no caso dos pacientes surdos congênitos, a aquisição de um sistema de representação com ênfase visual-espacial, faria com que parte dessas representações mnêmicas chegasse a ser consolidadas nos signos linguísticos da língua de sinais passando a integrar o sistema consciente. Nessa situação, a quota de afeto, antes sufocada, poderia emergir para a consciência e seguir seu livre escoamento.

Os conteúdos perceptivos nos três pacientes estão sendo submetidos a reorganizações obedecendo aos princípios associativos da memória – e também do corpo, pois os estímulos corporais também seriam registrados pela memória antes de se tornarem conscientes (Mello Filho, 2002; Lacan, 1998). Como instrumento para a visualização desse desenvolvimento utilizamos a *Árvore de Sentido* abaixo, construída com base no encadeamento de ideias no discurso dos pacientes, em seus trechos mais ilustrativos do fenômeno aqui estudado.

Os fenômenos observados na Figura 1 sugerem que as representações linguísticas podem conter informações sensoriais variadas. Existe espaço para explorar como os traços mnêmicos se organizam com base na modalidade de cada língua - oral-auditiva ou visual-espacial –, e como podem transitar de um sistema apenas perceptivo para um sistema consciente, representados por palavras ou por sinais. Um dos fatores que estão exercendo mais impacto nesse processo é a maneira como essas representações são

a-) independentes, ou b-) dependentes da ênfase em um determinado órgão dos sentidos.

Sublinhamos que na obra de Freud ‘signo de percepção’, ‘traços mnêmicos’ e ‘representações-palavras’ são termos que apontam para o registro da linguagem no nível sensório-perceptivo (Freud, 2006 [1920]). A observação do caminho traçado na *árvore* apoia a ideia de que esse processo de reorganização, que se assenta sobre as

percepções corporais, possibilita ao indivíduo surdo congênito receber a linguagem. Como um receptor – um ‘ouvido’- dos restos de estímulos absorvidos pelo corpo, essa reorganização na modalidade dos estímulos marca o corpo e culmina na reconstrução ou busca de um sentido, e de uma representação própria à população surda. Aqui evocamos a noção psicossomática do esquema corporal, e da imagem mental do corpo do indivíduo.

Os resultados expressos nos *Mapas* e na *Árvore*, sugerem que nesses pacientes, a organização dos processos nervosos excitatórios, - que se estendem desde a periferia sensório-motora do corpo e das inervações somáticas internas até o nível cortical em que surgem as propriedades psíquicas, - estão passando por sucessivas etapas intermediárias de integração e reorganização com ênfase visual. O resultado está sendo a representação por um esquema linguístico estruturado na modalidade visual-espacial. Os sistemas de traços mnêmicos nesses indivíduos são resultantes, privilegiadamente, da reorganização dos estímulos provenientes dos órgãos da visão e ganham representação manual neste campo. Por essa razão, as representações correspondem a uma reconstrução elaborada e não a uma simples cópia da realidade externa (Trussell & Easterbrooks, 2017; Solé, 2011; Melo Filho, 2010; Graña, 2010; Rodrigues, 1993). Neste caso podemos tratar os sinais da língua de sinais como representações originadas nos mesmos processos de investimentos de traços de memória, gerados a partir de estímulos corporais e de estímulos externos - que servem de base à geração das palavras nas línguas orais -, aos quais a consciência pode vir se acrescentar ou não, servindo, portanto, a funções equivalentes à da chamada ‘Representação-Palavra’ (Quadros; Davidson, Lillo-Martin, & Emmorey, 2019; Emmorey, Bellugi & Klima, 1993).

O resultado expresso pela *árvore* indica a possibilidade de rastrear os conteúdos dessa sinestesia específica e de materializá-los em sinais - ‘representações-palavra’, na língua de sinais. Ao considerarmos a vocalização como uma das várias possibilidades de manifestação da consciência, e ao tentar despir o pensamento dos fatores sensoriais - inclusive das palavras -, colocamos o problema da relação entre essas duas funções nos pacientes surdos. Podemos comparar esses resultados com os atuais achados sobre o desenvolvimento psíquico do surdo e sua constituição identitária. Encontramos as mesmas indicações, desde os estudos da psicolinguística, no sentido de que o pensamento é ‘fala menos som’, até as teorias que consideram o pensamento como um reflexo inibido em seu elemento motor (Guimarães & Silva, 2020; Trussell & Easterbrooks, 2017; Senhorini, Santana, Santos & Massi, 2016; Sinclair, 2007). Indicamos que o discurso pode não estar sendo ouvido - literalmente ouvir a fala, seu som - mas está sendo escutado com todo o corpo, por meio do processo de transcrição mnêmica.

Também podemos comparar os extratos dos *mapas* e da *árvore* com os estudos de Quevedo & Andretta (2020). Esses indicam a necessidade da identificação cultural. Para esses pacientes, essa construção identitária passa a implicar o compartilhamento de significados com determinados grupos culturais e linguísticos, e tem impacto cognitivo, emocional e psicológico (Quevedo & Andretta, 2020; Perlim, 2004). Os amigos e colegas surdos, que compartilham processos sensoriais em comum, na mesma modalidade de representação, exercem uma função importante nessa construção, pois permitem relações nas quais o indivíduo surdo não será marcado pela falta e pela deficiência, como acontece, implícita ou explicitamente, quando está rodeado pela maioria de ouvintes (Nóbrega, Munguba & Pontes, 2017; Valadão, Issac, Rosset, Araújo & Santos, 2014). Os achados de Valadão, Issac, Rosset, Araújo & Santos, (2014) demonstraram concordância com a literatura no que se refere à existência de um substrato cortical comum de ativação entre a língua de sinais e as línguas orais - para a função de compreensão da linguagem, com o envolvimento de regiões do córtex temporal superior, incluindo-se a área de Wernicke. Os estudos de Capovilla, (2020) destacam a necessidade de um Plano Nacional de Alfabetização (PNA) capaz de levar em

consideração a constituição biológica e linguística de pessoas surdas.

Aqui, nos colocamos na mesma linha de raciocínio dos estudos que sublinham a passagem - com o implante coclear - de um sistema de representação de natureza visual-espacial, para outro sistema, de natureza oral-auditiva (Royer & Quadros, 2020; Silva & Moraes, 2020; Lopes, Vianna & Silva, 2017; Solé, 2011).

CONCLUSÕES

Este estudo avaliou processos de construção psíquica em pacientes surdos congênitos, usuários da língua de sinais. Após o exame dos dados consideramos: a-) correta a suposição de que nesses pacientes a possibilidade de vinculações com as palavras é fraca e rejeitada em consequência da diferença em seus aspectos sensoriais; b-) essa situação está ocasionando uma espécie de repressão, pelo fato de que grande parte dos conteúdos perceptivos não transita na ausência da representação-palavra; c-) nessa situação, enquanto o traço da representação permanece inconsciente, a quota de afeto está sendo sufocada, emergindo como uma simbolização psicossomática ou transformando-se em angústia; d-) em surdos congênitos a organização dos processos nervosos excitatórios, - que se estendem desde a periferia sensorio-motora do corpo e das inervações somáticas internas até o nível cortical em que surgem as propriedades psíquicas, - passam por sucessivas etapas intermediárias de integração e reorganização com ênfase visual; e-) O resultado está sendo a representação por um esquema linguístico estruturado naturalmente na modalidade visual-espacial.

Em síntese os resultados indicam que o trabalho de psicoterapia especializada para pacientes surdos deve assegurar que terapeuta e paciente tenham acesso direto e específico a esse material psíquico. É necessário que o terapeuta apreenda esse modelo de construção de seu paciente, e que ambos produzam e troquem seu material na mesma modalidade de representação linguística. Nos casos em que não ouvir afeta a linguagem como um todo, isso produz marcas na subjetivação do indivíduo. Nesse sentido, a língua de sinais está realizando a articulação entre o inconsciente - arraigado no corporal e no pulsional - e as formas mais estruturadas de consciência. Os pacientes surdos, que apresentam funcionamento psíquico compreensível à luz desse processo, mas que são compelidos ao desenvolvimento de línguas orais-auditivas, estão desenvolvendo um sistema consciente rudimentar. Esse pode ser um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais e quadros psicopatológicos nesses sujeitos.

Nosso estudo apresenta limitações: há espaço para a investigação de amostras com crianças surdas filhas de pais surdos, e crianças ouvintes filhos de pais surdos, e crianças surdas usuárias de implante coclear. Outra área importante e que ainda não está sendo abordada pelos estudos é a especificidade dos processos psicopatológicos, diagnóstico e tratamento de surdos em situação de doença mental grave (transtornos depressivos, transtorno esquizofrênico e transtorno esquizoafetivo, por exemplo): sugerimos que isso possa ser amplamente investigado. A maior parte dos trabalhos não pontua questões referentes a eficácia de tratamentos em que profissionais ouvintes atendem pessoas surdas com o uso de intérpretes. Também há a necessidade de criação, adaptação e divulgação de ferramentas e métodos que atendam a especificidade do material fornecido pelos pacientes surdos, para a catalogação e referência nesse tipo de estudo.

REFERÊNCIAS

- Andrade, L. F., & Castro, S. S. (2016). Saúde e surdez: instrumentos de pesquisa em língua de sinais. *Medicina* (Ribeirão Preto), 49(2):175-84.
- Araújo, A. M, Cotta, B. S., Souza, A. C. C. R, Oliveira, A. P., & Lages, K. S. (2019). A dificuldade no atendimento médico às pessoas surdas. *Rev Interdiscip Ciências Médicas*. 3(1), 3-9.
- Bisol, C. A, Simioni, J., & Sperb, T.. (2008). Contribuições da Psicologia Brasileira para o Estudo da Surdez. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 392-400.
- Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF.
- Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- Camargos, G., & Ávila, L. A. (2019). A interface da psicologia com a surdez: uma revisão sistemática. *Revista de Psicologia*, 10(2), 148 - 158.
- Capovilla, F.C. (2020). Por um Plano Nacional de Alfabetização (PNA) capaz de respeitar diferenças de língua e constituição biológica. *Rev. Psicopedagogia*; 37(113), 208-224.
- Capovilla, F. C. (2018). Linguagem oral e escrita: paradigma, taxonomia e sistema de variáveis. In: A. M. Soares, J. R. O. R. Simão & L. M. Neves (Eds.), *Caminhos da aprendizagem e inclusão: entretecendo múltiplos saberes* (pp.103-124). Belo Horizonte: Artesã.
- Dias, A. R., Coutinho, C. R., Gaspar, D. R., Moeller, L., & Mamede, M. (2017). Libras na formação médica: possibilidade de quebra da barreira comunicativa e melhora na relação médico-paciente surdo. *Rev Med* (São Paulo), 96(4), 209-214.
- Eboni, A. C. B, Socrcine, C., & Ruocco, H. H. (2018). High levels of alexithymia in patients with multiple sclerosis. *Dementia & Neuropsychologia*, 2(2), 123 – 142.
- Emmorey, K., Bellugi, U., & Klima, E. (1993). Organização neural da língua de sinais. In: Moura, M. C.; LODI, a. C. e PEREIRA, M. C. (Eds). *Língua de sinais e educação do surdo*. Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, SBNp. São Paulo.
- Fellinger, J., Holzinger, D., & Pollard, R. (2012). Mental health of deaf people. *Lancet*, 379(1), 1037-1044.

- Freud S. (1920). Além do princípio de prazer. In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, (p. 11-85). Rio de Janeiro: Imago; 1990.
- Guimarães, V. M. A., & Silva, J. P. (2020). Sexualidade e Surdez: uma Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, **40**, e201645.
- Graña, C. G. (2010). A Aquisição da Linguagem nas Crianças Surdas e suas Peculiaridades no Uso do Objeto Transicional: um estudo de caso. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, **5**, 143-153.
- Grassi, D, Zanoni, G. Z, & Valentin, S. M. L. (2011). Língua Brasileira de Sinais, aspectos linguísticos e culturais. *Revista Trama*, **7**(14), 57-68
- Kieffer, M. J., Petscher Y., Proctor, C. P., & Silverman, R. D. (2017). Is the whole greater than the sum of its parts? Modeling the contributions of language comprehension skills to reading comprehension in the upper elementary grades. *Scientific Studies of Reading*, **20**(6), 1-19.
- Lacan, J. (2005). *O seminário livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Larsen, K. J., Brand, N., Bermond, B., & Hijman, R. (2003). Cognitive and emotional characteristics of Alexithymia: a review of neurobiological studies. *Journal of Psychosomatic Research*, **54**, 533-541.
- Lorenzini, E. (2017). Pesquisa de métodos mistos nas ciências da saúde. *Revista Cuidarte*, **8**(2), 1549-60.
- Lopes, R. M, Vianna, N. G, & Silva, E. M. (2017). Comunicação do surdo com profissionais de saúde na busca da integralidade. *Saúde e Pesquisa*, **10**(2), 213-21.
- Ferreira, L. (2010). *Por uma gramática de Língua de Sinais*. – [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Mello Filho, J. (2010). *Psicossomática Hoje*. Artes Médicas. Porto Alegre.
- Miguel, F. K. (2010). Alexitimia e inteligência emocional: estudo correlacional. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, **12** (3) 52-65.
- Monteiro, R; Silva, D. N. H, & Ratner, C. (2016). Surdez e Diagnóstico: narrativas de surdos adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, **32**, nº spe, e2016210.
- Nóbrega, J. D, Munguba, M. C., & Pontes, R. J. S. (2017). Atenção à saúde e surdez: desafios para implantação da rede de cuidados à pessoa com deficiência. *Rev Bras Promoç Saúde*. **30**(3), 1-10.

- Patrikelis, P., Konstantakopoulos, G., Lucci, G., Katsaros, V. K., Sakas, D. E., Gatzonis, S., & Stranjalis, G. (2017). Possible common neurological breakdowns for alexithymia and humour appreciation deficit: A case study. *Clin Neurol Neurosurg*, 153, 1-4.
- Pereira, A. A. C, Passarin, N. P., Nishida, F. S., & Garcez, V. F. (2020). "Meu Sonho É Ser Compreendido": Uma Análise da Interação Médico-Paciente Surdo durante Assistência à Saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 44(4), e121.
- Perlim, G. T. (2004). O lugar da cultura surda. In: Thoma, A.S., & Lopes, M.C (Org). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Pinheiro, A. M. V., Rocha-Toffolo, A. C., & Vilhena, D. A. (2020). Reading strategies for the profoundly deaf Libras users: Benefits of speech and lip Reading for strengthening linguistic skills. *Estudos de Psicologia*, 37, e190003.
- Pinto, T. (2013). Relações possíveis entre desencadeamento psicótico e implante coclear: reflexões a partir do contexto clínico francês. *Psicologia Clínica*, 25(2), 33- 51.
- Pirlot, G. & Corcos, M. (2014). Compreensão da alexitimia na abordagem psicanalítica. *Livro Anual de Psicanálise*, XXVIII-2. São Paulo: Editora Escuta.
- Quadros, R. M., & Karnopp, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.
- Quadros, R. M. de, Davidon, K., Lillo-Martin, D., & Emmorey, K.(2019). Code-blending with depicting signs. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 10(2), 290-308.
- Quevedo, R. F. de, & Andretta, I. (2020). Deaf Children and Adolescents: Social Skills Discriminant Profile. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36, e36311.
- Ricciardi, L., Dematini, B., Fotopoulou, A., & Edwards, M. J. (2015). Alexithymia in neurological disease: a review. *J Neuropsych. Clin. Neurosci.*; 27, 179-87.
- Rodrigues, N. (1993). Organização neural da linguagem. In Moura, M. C.; LODI, a. C. e PEREIRA, M. C. (Eds). *Língua de sinais e educação do surdo*. Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, SBNp. São Paulo.
- Royer, M. & Quadros, R. (2020). A ordem das palavras nas sentenças Libras no corpus da Grande Florianópolis. *Revista da Abralin*, 18(1), doi 10.25189/rabralin.v18i1.1375.
- Saussure, F. de. (2010). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.

- Sacks, O. (1998). **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Cia das Letras.
- Santos, J. F., & Assis, M. R. (2015). As dificuldades do psicólogo no atendimento à pessoa com deficiência auditiva. **Conexões Psi**, 3(1), 23-33.
- Santos, A., & Portes, A. (2019). Percepções de sujeitos surdos sobre a comunicação na atenção básica à saúde. **Rev Latino-Am Enferm**; 27, 1-9.
- Senhorini, G., Santana, A. P. O., Santos, K. P., & Massi, G. A. (2016). O processo terapêutico nas afasias: implicações da neurolinguística enunciativo – discursiva. **Rev. CEFAC.**, 18(1), 309-322.
- Senna, L. A. G. (2019). O Estatuto Linguístico da Língua Brasileira de Sinais e a Superação do Estigma na Educação de Surdos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 25(3), 487-500.
- Silva, L. L., & Moraes, M. (2019). Composições possíveis: travessias no pluriverso dos encontros com a surdez. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, 9(2), 154-167.
- Silva, G. F. (2007). Reflexões psicanalíticas sobre a língua, o estrangeiro e a intimidade em casos de surdez profunda. **Psicol. Am. Lat.**, México, 9, 53-71.
- Silva, F. R., & Caldeira, G. (2010). Alexitimia e pensamento operatório: a questão do afeto em psicossomática. In: J. Melo Filho & M. Burd (Eds.), **Psicossomática hoje** (pp. 158–166). Porto Alegre: ARTMED.
- Sinclair, H. (1967). **Acquisition du langage et développement de la pensée**. Paris: DUNOD.
- Skliar, C. (2016). Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In C. Skliar (Ed.), **Um olhar sobre as diferenças**, (8a ed., pp. 7-32). Porto Alegre, RS: Mediação.
- Solé, M.C.P. (2011). A surdez enquanto marca constitutiva. **Espaço Informativo Técnico Científico do INES**, Rio de Janeiro, 7, 17-23.
- Spink, M. J. (2010). **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Strobel, K. L.; & Fernandes, S. (1998). **Aspectos lingüísticos da LIBRAS**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE.
- Taylor, G. J. (2000). Recent development in alexithymia theory and research. **Can J Psychiatry**, 45, 134-142.

- Taylor, G. J., Bagby, R. M., & Parker, J. D. A. (2016). What's in the name 'alexithymia'? *Neurosci. Biobehav. Rev.*, **2**, 68, 1006-20.
- Teixeira, J. A. C. (1996). Alexitimia, saúde e doença. Estudo da alexitimia em sujeitos obesos. *Notas de Investigação*, 381-386.
- Trussell, J. W; & Easterbrooks, S. R. (2017). Morphological knowledge and students who are deaf or hard-of-hearing: A Review of the Literature. *Communication Disorders Quarterly*, **38**(2), 67-77.
- Valadão, M.N; Issac, M. L; Rosset, S. R. E; Araújo, D. de B; & Santos, A. C. (2014). Visualizando a elaboração da linguagem em surdos bilíngues por meio da ressonância magnética funcional. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada – RBLA*, Belo Horizonte, **14**(4), 835-860.
- Vigotsky, L.S. (2006). *Pensamento e Linguagem*. Martins Fontes, São Paulo.

Lista de Anexos

Tabela 1 - Mapa de Associação de ideias Paciente I

Relação com a Língua de Sinais e/ou Sistema Visual	Relação com o outro	Relação com a Língua Oral e/ou Sistema Auditivo	Características Associadas
Quando eu tinha cinco anos a professora vinha na minha casa e me ensinava Libras.	Minha mãe queria muito que eu aprendesse a falar, ela não conhecia Libras, só fazia um monte de gestos.	Minha mãe falava comigo, mas eu não ouvia nada, então ela me levou no médico e viu que eu era surdo.	Eu ficava muito angustiado, mas não contava nada para ela.
	Ela queria que eu usasse o aparelho na orelha	Na escola também, a professora explicava mas eu não entendia nada. Eu não conhecia as palavras. Por exemplo, a palavra "carro", eu não entendia como podia o carro ficar dentro da palavra, então eu era burro.	
		Eu tentava fazer igual às crianças que falavam e escreviam, mas eu sentia o meu espírito indo de um lado para o outro, como uma bola de borracha na mão de uma criança.	Eu não conseguia resolver os problemas. Por exemplo, eu não conseguia aprender na escola e jogava tudo no chão, quebrava os brinquedos.
		Eu conseguia decorar alguns conjuntos de letras, mas na maioria das vezes eu copiava do quadro sem saber o que significava. Era engraçado. Eu ficava pensando se aquela palavra era homem ou mulher	Eu ficava irritado, louco, com a cabeça pesada. Também sentia muito sono, num estado de letargia
	Naquela época eu tinha muita raiva do meu pai e da minha mãe. Eu queria explicar assim: "Eu vi galinhas no quintal", mas meu pai não entendia. Depois eu não tentava mais	Meu pai e minha mãe não sabiam conversar comigo e eu não gostava porque eu era diferente. Eu não queria escutar e eu ficava quieto no meu canto.	Tinha uma voz que falava aqui dentro e falava pra mim que eu era bom e que ficava brava quando eu quebrava os brinquedos
	Meu pai falava pra eu falar, pra eu aprender a falar as palavras, pra namorar menina, mas eu não entendia e ele escrevia no papel, mas eu não sabia o que era "namorar menina".		Eu ficava acordado mas eu lembrava de um dia com um monte de gente amontoadado na rua, eu também imaginava um monte de nuvem e de minhoca.
No trabalho conheci um colega surdo que era legal. Ele também sabia Libras e eu gostava de conversar com ele.	Ele foi na minha casa e me falou que eu era muito sozinho, que era por isso que eu era tão triste, que eu precisava me casar pra ficar melhor.		Eu ficava confuso. Era como se eu fosse um morador de hotel que fica dois dias em um lugar, quatro dias em outro, outro dia em outra cidade. Me sentia muito vazio.
	Percebi que era verdade, que faltava laços com outras pessoas. Não tenho família, todas as minhas relações são de acaso e recentes, não tem história.		Os outros ficam falando coisas boas, mas eu desconfio, acho que a S. fica me paquerando só pra ganhar alguma coisa. Não acredito nos outros, são todos interesseiros. Eu finjo que não vejo, mas às vezes acredito. Isso tira minha paz. Eu quero paz.
	Estou apaixonado por uma mulher ouvinte, mas ela é casada. Conheci ela e o marido depois da morte do meu pai. Quando fui resolver a venda da casa eles me ajudaram. Tenho um colega ouvinte que teve que fechar a loja por causa da fiscalização.		

Fonte: Autores

Tabela 1 - Mapa de Associação de ideias Paciente I - Cont.

	<p>Às vezes lembro da minha mãe, ela ficava me forçando a falar com a boca. Mesmo assim eu gostava dela, era uma pessoa boa, seguidora de Jesus. Tentava me ensinar as orações com desenhos e lápis de cor.</p>	<p>Depois da aula eu olhava para o relógio da parede, lembrava que minha mãe explicou que o relógio faz barulho. Eu não sabia o que era o barulho e ela escrevia "Tim-tom" no papel. Ai eu pensava: "E agora?" Eu ficava com muito sono. Ai uma voz me falava pra eu desobedecer.</p>	
	<p>De noite, quando eu ficava com medo, minha mãe abria um livro com um desenho de uma árvore e passava as páginas. Eu fechava o olho, mas não dormia. Ai tudo se misturava.</p>		<p>Eu fazia isso pra me acostumar com o escuro quando eu dormisse, pra eu não sentir o escuro. Eu ficava com um pouco de medo da mãe, mas não se pode ter medo da mãe. A Mãe é igual ao pai. Ai eu dizia assim, mas sem falar: "não, não, não". Ai eu pensava: "amanhã vou ver as galinhas".</p>
	<p>Quando eu tinha quinze anos meu pai me levou pra transar com uma prostituta. Fiquei lembrando disso muito tempo. Pensei que eu queria casar com ela, mas depois não voltei lá nunca mais. Ai eu briguei muito com meu pai.</p>		<p>Eu pensava que quando eu crescesse eu seria policial, mas minha mãe não queria. Me levava na igreja, eu não queria. Ai a gente brigava todo dia. Eu pensei em sair de casa e mudar pra longe. Fiz isso, vim pra Rio Preto</p>
<p>Comecei a morar com os amigos surdos.</p>	<p>Eu sei que já consegui. Acho que sou melhor que os meus amigos, não gosto deles. Hoje eu sou simples, mas ainda não acostumei a morar sozinho. Me sinto igual quando eu era criança</p>	<p>Minha mãe me levava na fono e ela tentava fazer eu mexer a boca igual a ela, ai eu inventava um homenzinho do tamanho do meu dedo indicador</p>	<p>Ele usava calça comprida e gravata. Ai eu levava ele na bolsa da escola. Ele era bonzinho. Teve uma vez que eu imaginei ele falando forte e dizendo assim: "me escuta um pouco! Só um pouco! Sou seu empregado, é só mandar que eu faço".</p>
	<p>Eu perguntava pra minha mãe: "O que eu faço?" e ela falava pra eu estudar, mas eu já tinha estudado. Ai a mãe falava pra eu brincar, mas eu já tinha brincado. Ela falava pra eu não ficar bravo, ai eu olhava o teto e ele rodava.</p>		<p>Eu gostava de ficar na frente do relógio espiando e pensava assim: "quem falou pela primeira vez?"</p>
<p>Gosto de conversar com a S. porque ela é ouvinte mas sabe Libras. Ela não sabia, mas quis aprender.</p>	<p>Estou tentando ficar com ela, às vezes parece que ela não quer. Eu queria conversar com ela. Gosto de conversar com ela.</p> <p>Meus amigos falaram que eu precisava ir no médico. Ai eu pensei em voltar pra Votuporanga, mas a S. quer que eu fique aqui e me falou pra eu trabalhar junto com eles, vendendo adesivos de Libras. Acho que vou aceitar</p>		<p>Semana passada entrei na casa dela, mas ela estava saindo... eu fiquei louco. Depois pensei que talvez ela se sentisse mal.</p> <p>Não estou conseguindo dormir. Acordo e fico olhando... ai aquela voz fala dentro da minha cabeça, fala pra eu ter uma filha e chamar de Manuela. Também não estou conseguindo trabalhar nem fazer minhas coisas.</p>
<p>Gosto de vir aqui porque você sabe Libras e ai a gente pode conversar. Você sabe que surdo é diferente de ouvinte. Depois que a gente conversa eu fico mais aliviado.</p>	<p>Eu ia no outro médico, mas alguém ouvinte tinha que ir comigo, mas ele não sabe libras, e não dá pra conversar porque ele tem um bigode grande também que não dá pra ler o lábio.</p>	<p>E se desse pra ler o lábio também não ia adiantar porque eu não sei muitas palavras.</p>	
	<p>Nunca fiquei tão mal assim, conversei com os amigos surdos e eles falam pra mim que eu tenho que querer ficar melhor. Eu acho o cúmulo eles falarem isso pra mim, porque eu quero ficar bom, mas do jeito que eles falam parece que eu não quero ficar bom.</p>		<p>Eu até fico pensando: "será que eu não quero ficar bom?" Mas eu quero! É a coisa que eu mais quero. Não gostei, acho que eles não estão entendendo. Não sou desses que ficam reclamando da vida e se fazendo de coitados. Tem dias que eu acordo muito mal, mas tem dias que eu muito bem, não é porque eu quero.</p>

Fonte: Autores



Tabela 2 - Mapa de associação de ideias Paciente II

Relação com a Língua de Sinais e/ou Sistema Visual	Relação com o outro	Relação com a Língua Oral e/ou Sistema Auditivo	Características Associadas
<p>Gosto de olhar a natureza, os animais. Gosto muito de passarinhos porque me acalma. Gosto de assistir filmes que mostram isso. Acho que a natureza faz bem para a saúde e eu preciso cuidar da saúde, fazer exercícios pra ficar saudável, bonita.</p>	<p>Estou passando por uma situação difícil, ando muito irritada, não consigo me controlar. Brigo com meus pais, tenho vontade de sujar os lençóis, os pratos.</p>	<p>Não sei falar, então, sou analfabeta. Mas sei muita coisa que eu queria falar.</p>	<p>Tenho muita vontade de ficar sozinha, quieta. Não gosto da minha vida, não gosto de nada. Acho que estou vivendo no automático, não sei porque faço as coisas. Só faço meus deveres como filha e no trabalho também.</p>
<p>Aprendi a gostar da natureza na escola. Quando a professora mostrava vídeos dos animais, eu achava lindo. Depois eu gostava de pegar o livro e ficar olhando aquelas fotos</p>	<p>Não sinto vontade de estar com ninguém, acho que não sou uma pessoa normal. Não gosto da conversa dos outros e também não tenho minha própria conversa. Só imito.</p>	<p>Não sei falar, então, sou analfabeta. Mas sei muita coisa que eu queria falar.</p>	<p>Sinto muita raiva porque parece que eu não posso fazer as coisas do meu jeito. Minha família não gosta de surdos e eu sou surda. Meu pai quer que eu vire ouvinte, quer que eu coloque o implante coclear.</p>
<p>Na verdade sei falar, mas falo diferente. Era a moça da igreja que ia na minha casa pra me ensinar a Bíblia e também me ensinou Libras. Eu gostava.</p>	<p>Minha família quer me consertar, mas eu gosto de ser assim, não sou burra. Mas eles pensam que eu preciso.</p>	<p>Não sei falar, então, sou analfabeta. Mas sei muita coisa que eu queria falar.</p>	<p>Quero ficar longe de todo mundo. Também quero ficar longe do pessoal da igreja e do trabalho.</p>
<p>Antes eu não conseguia conversar com os outros, depois eu comecei a conversar com ela. Eu progredi muito! Mas agora está difícil.</p>	<p>Sei que não dá pra e afastar dos outros de uma vez, mas vou fazer isso aos poucos. Gosto de ficar sozinha, gosto do silêncio e do sol.</p>	<p>Não sei falar, então, sou analfabeta. Mas sei muita coisa que eu queria falar.</p>	<p>Uma vez, quando eu era adolescente, caminhei tanto e fiquei pensando: "até onde vai o silêncio?" Gosto muito de caminhar, é importante para a saúde. Eu caminhei, ando muito longe e depois sento numa pedra para ficar sozinha. Aí é que eu gosto. Gosto muito! Acho a árvore muito bonita. Imagina uma árvore! mil folhas e o sol batendo nelas!</p>
<p>Eu acho que quando eu penso numa coisa, eu também penso no sinal da coisa, pra eu poder explicar pra alguém, então fico olhando. Acho bom porque me ajuda a organizar minha cabeça. Então acho que não preciso ouvir, porque eu sei ver os sinais.</p>	<p>Enquanto caminho eu converso com os pássaros. Conto tudo para eles... (risadas). Conto que não sei mais falar. Um dia eu disse isso para um passarinho e fiquei com vergonha, porque se alguém visse ia pensar que sou louca!</p>	<p>Mas as palavras não... Não sei mais falar, perdi a linguagem dos outros. Meus pais também não sabem eles só imitam, mas na verdade todo mundo imita. Até acho que assim é melhor... é sim.</p>	<p>O senhor não sabe do que estou falando. Explicam que a gente tem que ser verdadeiro, mas ninguém é verdadeiro. Meus pais ficam insistindo. Eles falam que eu tenho que ser eu, falam para eu não mentir. Mas quando eu falo a verdade eles não gostam. Eu não quero colocar o implante, mas eles insistem. Então eu tive que parar de ser inteligente para agradar a eles.</p>
<p>Eu sei porque Deus fez a natureza, para a gente olhar para ela. Eu gosto de olhar para ela, é quando eu me sinto em paz.</p>	<p>Eu não acredito em ninguém, acho que todo mundo é falso.</p>	<p>Quando caminho tenho vontade de não falar nunca mais e fico pensando se minha mãe iria me entender e se iria gostar de mim mesmo sem me entender.</p>	<p>As árvores, os pássaros, é tudo uma bagunça, sabe? Mas é uma bagunça gostosa. Então eu acho que Deus é inteligente.</p>
<p>Quando eu era adolescente eu não entendia as coisas que entendo hoje. Achava que tinha que obedecer aos mais velhos, mas depois percebi que mesmo as pessoas mais velhas dão ordens que elas mesmas não cumprem. Isso me deixa mal, parece que me enganaram, eu não sou palhaça, sabe?</p> <p>Na igreja também é assim. Eles falam pra gente que tem que ser bom, mas eles não são bons. Eu fico muito triste.</p>	<p>Quando eu era adolescente eu não entendia as coisas que entendo hoje. Achava que tinha que obedecer aos mais velhos, mas depois percebi que mesmo as pessoas mais velhas dão ordens que elas mesmas não cumprem. Isso me deixa mal, parece que me enganaram, eu não sou palhaça, sabe?</p> <p>Na igreja também é assim. Eles falam pra gente que tem que ser bom, mas eles não são bons. Eu fico muito triste.</p>	<p>Quando caminho tenho vontade de não falar nunca mais e fico pensando se minha mãe iria me entender e se iria gostar de mim mesmo sem me entender.</p>	<p>Por exemplo, meu pai me ensinou que mentir não era certo, mas ele mentia também. Eu admirava meu pai, mas quando percebi que ele me enganava, que ele não fazia o que falava pra gente fazer... Pensei que ele sempre falava a verdade, fiquei tão triste.</p>
<p>Meus pais iam na igreja evangélica, depois mudaram para as Testemunhas de Jeová. Mas</p>	<p>Meus pais iam na igreja evangélica, depois mudaram para as Testemunhas de Jeová. Mas</p>	<p>Quando caminho tenho vontade de não falar nunca mais e fico pensando se minha mãe iria me entender e se iria gostar de mim mesmo sem me entender.</p>	<p>Quando eu era criança gostava muito de fazer as coisas da igreja, eu queria ser missionária e ajudar outros surdos a conhecer a Bíblia.</p>
<p>Meus pais iam na igreja evangélica, depois mudaram para as Testemunhas de Jeová. Mas</p>	<p>Meus pais iam na igreja evangélica, depois mudaram para as Testemunhas de Jeová. Mas</p>	<p>Quando caminho tenho vontade de não falar nunca mais e fico pensando se minha mãe iria me entender e se iria gostar de mim mesmo sem me entender.</p>	<p>Eu fico muito mal, sabe? Me dá tanta raiva porque eu vejo que estão me enganando. Não está certo isso. É isso...</p>

Fonte: Autores

Tabela 2 - Mapa de associação de ideias Paciente II - Cont.

	<p>agora eles não vão mais porque eu fiquei muito nervosa na igreja e todo mundo viu. Eles ficaram com vergonha de mim.</p>		<p>Você acha que sou doida? Eu sei que isso não é normal. Tenho a sensação de que tenho que conseguir fazer minhas coisas antes de ficar velha. Todo mundo mente, parece que ninguém pensa na morte, não é verdade? Não sou doida, viu? Já vi tudo, você não me engana.</p>
<p>Às vezes me lembro de uma mulher da igreja e que sabia Libras, ela saía, viajava e quando voltava a gente conversava muito. Ela contava sobre essas coisas que eu gosto: árvores, animais e passarinhos. Até que um dia ela parou de falar. Acho que ela percebeu que uma pessoa não fala dessas coisas. Mas eu gostava dela, ela me fazia lembrar de quando eu era criança.</p>			<p>Eu queria ser igual a ela, e ensinar as coisas, ensinar a Libras, sei que tem muita criança surda que precisa aprender sinais também. A R., a moça da igreja, me explicou isso.</p>
<p>Então, eu fiquei pensando se sou fraca, porque eu não escuto, mas acho que não, porque eu consigo pensar e explicar em sinais. Tem muita gente que não sabe falar japonês e que também não é fraca. Tenho uma voz, mas ela não sai pela boca.</p>		<p>Não entendo isso de escrever as palavras... parece um saco vazio. Às vezes eu entendo alguma, mas fico muito confusa, e acho um pouco engraçado</p>	
<p>Mas lembro que quando comecei a entender as coisas e eu via um sinal, era um susto... (risos), eu via as coisas nas coisas.</p>			<p>Quando vou descansar, de vez em quando fecho os olhos. Quando abro levo um sustinho e lembro disso.</p>
<p>Eu lembro que, quando eu era criança, eu não sabia como conseguir as coisas que eu queria, mas também agora já era. Eu também namorei um menino de dezesseis anos. Eu ficava com medo e só imitava o que as outras meninas faziam. Af eu me ofereci para fazer sexo com ele...</p>			<p>Eu pensava que eu tinha que obedecer a ele. Ele não entendia, mas eu percebia que ele não queria ser dono de ninguém. Aqui dentro da minha cabeça eu insistia que ele era meu dono. Ele percebia que eu tinha medo de alguma coisa e falava para eu ficar calma.</p>
<p>Meu pai tentava usar os sinais pra me perguntar, mas não conseguia, af ele me olhava calmo. Até hoje é assim. Até parece que ele não vai mais perder a paciência.</p>	<p>Eu tinha esperança nele porque eu pensava que ele era inteligente. Mas com o tempo ele parou de gostar de mim. Af ele não quis mais nada.</p>		<p>Af pensei que eu era uma criminosa, e fiquei muito confusa. Pensei: "será que sou tão ruim?" Depois de namorar com ele pensei que tudo ia ficar mais fácil de entender. Mas não foi assim. Eu só quero ser feliz. Sou muito diferente.</p>
<p>Sinto uma vontade enorme de ofender meus pais com a verdade, mas eles não entendem todos os sinais, eles entendem um pouco sim. Porque eles pedem pra eu falar a verdade quando me perguntam porque eu ando tão irritada</p>	<p>Mas bem, ninguém entende muito bem o que eu quero explicar mesmo, então está tudo certo. Só fico irritada.</p>	<p>Ele pedia pra eu usar o aparelho, mas eu já falei que não quero. Falei muitas vezes. Af ele começou a falar pra eu ir no médico para aprender a falar. Fiquei tão triste. Eu só sou surda, não sou doente. Por isso que a gente terminou.</p>	<p>Então, às vezes choro de raiva e dou socos na árvore, dói a mão, e quanto mais dói, mais eu gosto porque eu penso que nem o passarinho me entendeu. Você me entende um pouco, não é?</p>
<p>Agora quero avisar meus pais que vou embora, mas tenho medo. Acho que eles me entendem, só tem medo de admitir, porque acham que vão ser fracos se fizerem isso.</p>	<p>Antigamente, na minha casa tudo tinha hora certa e era bom, eu não sentia medo. Acho que devia ter ficado com o rapaz que namorei, mas ele também queria que eu virasse ouvinte.</p>	<p>Se eu falasse eles entenderiam ou não. Acho que antes de falar é importante saber como se fala.</p>	<p>Depois eu me sinto um pouco melhor, só um pouco cansada. Fico pensando como seria se meus pais ouvissem meu silêncio. Acho que eles iriam gostar. E iam perceber que todo mundo imita.</p>
<p>Hoje de manhã eu não estava com vontade de conversar com ninguém. Vi meu pai irritado e perguntei para ele porque ele estava preocupado. Ele olhou bravo pra mim e sinalizou que todo mundo tem preocupação.</p>		<p>Eu pensava que ia aprender a falar sozinha, sem ninguém precisar mandar ou ensinar, mas eu não sabia como se fazia.</p>	<p>Quando eu era criança pensava como é que os outros aprenderam a andar. Af eu percebi que tem um monte de coisas acontecem por si só por exemplo: andar, dormir, a árvore crescer. Para isso não precisa ninguém mandar.</p>
<p>Ainda quero, pretendo, publicar uma historia em Libras. Vai ser a história de uma mulher surda que foi presa.</p>		<p>Então eu pensei que quando eu tiver marido e meus filhos vou ser diferente com eles. Não vou mentir pra eles. Eles podem ser o que quiserem ser, não vou obrigar eles a usar o aparelho ou outra coisa.</p>	<p>Acho que estou conseguindo ser eu aos poucos. Continuo caminhando, e vendo a natureza, e conversando com os passarinhos. Mas estou conseguindo de pouco em pouco. Enfim, seja o que Deus quiser, não é? Até que me divirta com isso. Das duas uma: ou sou muito burra ou muito inteligente.</p> <p>Agora acho que tenho que viver por mim mesma, e sem contar com ninguém.</p>

Fonte: Autores

Tabela 3 - Mapa de associação de ideias Paciente III

Relação com a Língua de Sinais e/ou Sistema Visual	Relação com o outro	Relação com a Língua Oral e/ou Sistema Auditivo	Características Associadas
<p>Na escola tinha outro colega que era surdo, mas eu não sabia que ele era surdo. Só via ele mexendo a mão. A professora também mexia, e eu ficava olhando. Ela me mostrava o desenho e fazia um sinal, no começo eu não entendia, mas depois comecei a entender fácil.</p> <p>Depois que aprendi, ficou mais fácil porque pra cada coisa tinha um sinal, e se não tinha, a gente inventava um. Eu não entendia como cada coisa também poderia ter uma palavra.</p>	<p>Foi assim: eu gostava de quando eu era criança e morava com meus pais. Morei com eles até os quatorze anos de idade. Eu sabia que eu era diferente, mas eu gostava.</p>	<p>Quando eu tinha seis ou sete anos eu gostava de pintar desenhos, e depois quando eu via as crianças ouvintes escrevendo palavras no caderno, eu pensava: "Isso que eu pintei pode virar palavra?"</p> <p>Eu não pedia o nome das coisas, era só reconhecer elas, eu reconhecia... e às vezes brincava de reconhecer no escuro. Eu reconhecia e ficava feliz.</p>	<p>Lembro que minha mãe apoiava minha mão na caixa de som do rádio que ficava na sala, minha mão vibrava e eu sentia a vibração se espalhando pelo corpo todo, achava que estava sentindo a eletricidade da vibração.</p>
<p>Sei falar, mas eu falo em Libras... também sei pintar.</p>	<p>Quando eu tinha quatorze anos meus pais bateram o carro na rodovia, minha mãe morreu... eu fiquei muito mal, muito tempo. Parecia que eu não era mais eu. Meu pai começou a beber muito e me deu para morar com minha avó e meu tio.</p>	<p>Mas eu tenho que usar as palavras? Mas elas não tem sentido para nós. Eu lembro que eu pintava as pinturas e era como se eu pegasse as palavras com a mão.</p>	<p>Aí eles falavam que eu tinha que ajudar no trabalho de casa. Comecei a ajudar, lavava as coisas, passava roupa, fazia o almoço, a janta, arrumava a casa... a avó e o tio ficavam deitados, fumando e vendo televisão. Eu pensava que tinha que ser assim mesmo. Mas depois eu entendi tudo o que estava acontecendo, mas eu não podia falar.</p>
<p>Só eu tinha doze anos comecei aprender a conversar, com treze eu já ensinava Libras para minha avó e para minha mãe. O sinal é mais fácil pra conversar porque a gente vê, sabe?</p>	<p>Depois de um tempo minha avó começou a olhar meu serviço e dizia que estava mal feito. Quando ela não gostava ela me batia e fala em Libras : "filho da puta!". Eu ficava com raiva, mas não falava nada.</p> <p>Eu nunca pensei que isso ia acontecer. Eu olhava para o rosto dela e ela olhava para mim também, parecia que ela tinha levado um susto. Eu não entendia aquilo, só olhava</p>	<p>Nossa comunicação melhorou bastante, mas ainda tinha algumas coisas que eu não conseguia explicar para ela, acho que nem pra mim.... (risos)</p>	<p>Comecei a fotografar tudo que acontecia dentro da minha cabeça. Não acho que perdi alguma coisa por ser surdo, acho que ganhei muita coisa. Eu tenho que dar um jeito de explicar o que me aconteceu.</p> <p>Eu gostava de arrumar a casa, eu arrastava as coisas para o corredor, depois jogava baldes de água, lavava e secava tudo. A casa me incomodava e quando eu limpava eu me sentia bem, fazia um silêncio gostoso. A água parecia um rio escorrendo, e parecia que eu já estava vendo a foto da casa depois de limpa. Aí eu suspirava de alívio.</p>
<p>Depois de dois anos gente se casou. Ainda era um pouco difícil, às vezes ela não entendia o que eu estava explicando. Eu tentava ensinar Libras para ela, mas não funcionava. Aí ela chamou uma professora de Libras. Mas ela queria mesmo que eu colocasse o Implante.</p> <p>Com o tempo eu conheci a C. no meu trabalho. Vi que ela era ouvinte, comecei a gostar dela, porque ela era bonita e simpática. Parecia que ela cuidava de mim. Aí a gente se beijou e começamos a namorar</p> <p>Aí por causa da Lei da Libras as</p>	<p>Mas quando eu fiz dezoito anos foi muito bom, eu consegui ir morar sozinho, era o meu maior sonho! Consegui um trabalho aqui na cidade e me mudei para cá. Fiquei morando sozinho uns três meses, até que um amigo surdo veio morar comigo para dividir as contas. Tenho mais facilidade para fazer amizade com surdos do que com ouvintes.</p> <p>Nessa época recomencei a</p>	<p>Mas eu tenho que usar as palavras? Mas elas não tem sentido para nós. Eu lembro que eu pintava as pinturas e era como se eu pegasse as palavras com a mão.</p>	<p>É que apesar de ter saído da casa da minha avó, parecia que nada tinha mudado... Mesmo morando sozinho. Aquela casa vibrava de silêncio. Depois de um tempo comecei a sentir falta da minha casa. Eu me forçava a lembrar que estar aqui na cidade era uma vitória, mas ao mesmo tempo me sentia muito vazio.</p> <p>Mas às vezes dava um pouco de medo. Era estranho. Eu me sentia errado perto dela, ficava agoniado, não sei se ela percebia. Mas ela e eu nos olhávamos, e eu via a ela. Eu gostava dela, porque eu estava muito sozinho e estava pedindo socorro. Mas era estranho. Parecia que tinha uma coisa que eu precisava falar para ela, mas eu não falava porque eu não sabia</p> <p>Mas aí eu ficava com tanta dor de</p>

Fonte: Autores

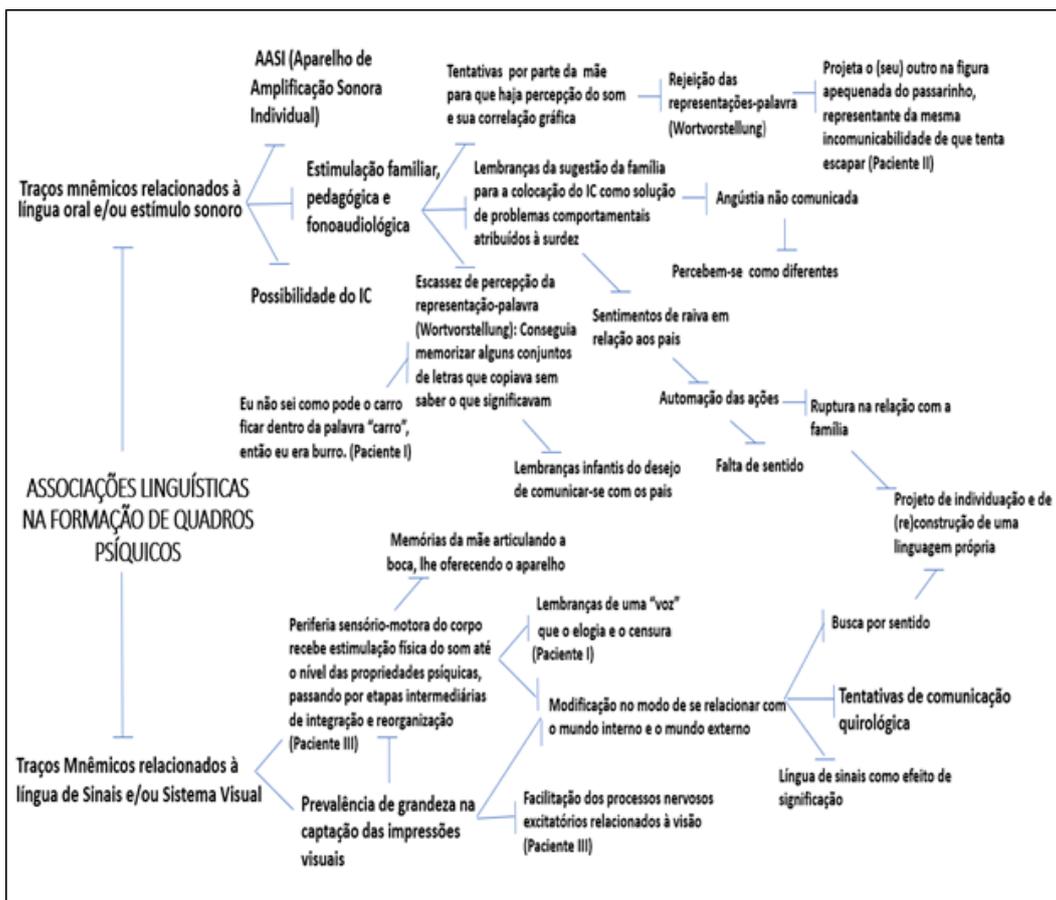
Tabela 3 - Mapa de associação de ideias Paciente III - Cont.

<p>empresas tiveram que aprender, os hospitais e as escolas também. Aí ficou mais fácil para conseguir trabalho também. E comecei a trabalhar na loja de sapatos</p>	<p>compreender as mulheres, falo de sexo, sabe? Sentia mais vontade de fazer sexo com elas. Me lembrei que a mulher é mais do que um amigo do homem</p>	<p>cabeça e não consegui transar com ela. Ela pensa que é mentira, não é mentira. Eu até tomo remédio, mas no outro dia é a mesma coisa</p>
<p>Fiquei dois dias sem conseguir falar nada com ninguém. Parece que eu saí de órbita, sabe? Depois eu conseguia conversar, mas meus sinais saíam tão fechados, e eu não conseguia sinalizar mais aberto. Eu tentava, mas não conseguia. Foi horrível. Fiquei assim uns dois meses.</p>	<p>Lembro de um dia que eu estava indo trabalhar e encontrei minha avó na rua, fazia muito tempo que a gente não se via. Ela começou a falar em Libras, mas me xingava, começou a brigar comigo no meio da rua. Foi horrível. Fiquei assustado.</p>	<p>Eu sentia que precisava ter coragem de destruir minha vida para construir ela de novo, começar do zero, sabe? Mas eu ficava com medo de não conseguir depois eu pensava que se eu não conseguisse também não importava, porque aí eu já teria tido coragem de fazer alguma coisa. Às vezes a gente tem que arriscar, não é?</p>
<p>Eu sei que a maioria das pessoas não entende, mas eu consigo aprender porque eu vejo os sinais da Libras e isso me ajuda a entender um monte de coisas, e hoje já é lei. Libras é a primeira língua do surdo, está na lei, não é o português.</p>	<p>Isso afetou muito meu trabalho</p>	<p>Quando eu era criança eu achava que eu era diferente, mas agora eu gosto de ser surdo. Eu sei pensar, trabalhar, fazer as coisas.</p>
<p>O que eu olhava, o que eu via, era o que eu gostava de pensar</p>	<p>Tenho meus amigos surdos, e a gente sente orgulho de ser surdo. A gente tem nosso próprio jeito de ver o mundo, nossa cultura. Os ouvintes não respeitam isso, acham só que a gente tem uma parte do corpo a menos Eu estava tão acostumado a ser mandado pelos outros, e agora estou por minha própria conta.</p>	<p>Depois de um tempo a C. começou a falar pra mim que eu tinha que fazer a cirurgia do implante coclear. Eu não queria, não quero. Até tentei usar o AASI, mas não gosto. Gosto de ser surdo, mas ela não entende isso. Quando eu era criança minha mãe ficava tentando me fazer falar, no começo eu pensei que era legal. Mas depois eu entendi o que eles queriam, queriam que eu fosse ouvinte. Não quero isso, sabe?</p>
<p>O que eu olhava, o que eu via, era o que eu gostava de pensar</p>	<p>Mas também não é um problema tão grande, porque muitas vezes não sei o que a C. está falando, mas entendo mesmo assim. É igual uma pessoa que tem cérebro bom para matemática, mas essa pessoa não sabe que os números existem. Como essa pessoa pensa? Tendo a certeza!</p>	<p>Eu não quero colocar o implante coclear. Eu quero ser do jeito que eu quiser ser Eu olho para as pessoas que falam com a boca e penso: "quem são eles?" e fico pensando que são diferentes de mim. No começo eu achava que tinha que ser igual às crianças que falavam, eu acreditava nisso e tentava muito, de verdade. Mas eu andava com muita vergonha de todo mundo, era muito tímido. Eu tentava ser simpático com todo mundo, mas as palavras aumentavam cada vez mais.</p>

Fonte: Autores



Figura 1 - Árvore de Sentido



Fonte: Autores